

**Contribuições da literatura infantil: um olhar voltado para o desenvolvimento da
criatividade e imaginação das crianças**

*Contributions of children's literature: a look at the development of children's creativity and
imagination*

Mylena Karlla dos Santos ARAÚJO¹

Ryta de Kassya Motta de Avelar SOUSA²

Resumo: Este artigo é fruto de um estudo bibliográfico que objetiva apresentar de que forma a literatura infantil pode contribuir para o desenvolvimento da criatividade e imaginação das crianças, ao mesmo tempo em que pretende-se por meio dele questionar acerca de como essa literatura é utilizada nas salas de aula da educação infantil e promover uma reflexão sobre seu uso. Dessa forma, dividimos o artigo em quatro partes, capazes de tecer algumas definições sobre a literatura infantil, relacionar sua função com o desenvolvimento da criatividade e imaginação, analisar como a escola utiliza essa ferramenta e concluir trazendo nosso olhar sobre o estudo feito. Fundamentamos nosso trabalho em Coelho (2000), Vygotsky (2012) e Zilberman (1998). Esperamos colaborar com a formação docente acerca da prática pedagógica com os livros infantis e promover uma reflexão sobre a formação de leitores mais ativos, críticos e criativos.

Palavras-chave: Literatura infantil. Arte. Criatividade e imaginação. Crianças.

Abstract: This paper is a result of a bibliographic study that objectives to present children literature as a way to contribute to children's creativity and imagination development, as well as to use it as a tool to investigate how it is used in children education classrooms and to promote a reflection about its use. Thus, we divided the present paper in four parts; each of them able to develop some definitions about children literature, relate its function with creativity and imagination development and to analyze how schools use that tool. We conclude it by bringing our vision about the study done. It was based on Coelho (2000), Vygotsky (2012) and Zilberman (1998). We hope to have collaborated with teaching training including specifically the pedagogical practice with children's books and promote a reflection about a more active, critic and creative readers' formation.

Keywords: Children's literature. Art. Creativity and imagination. Children.

Introdução

O presente artigo parte do pressuposto de que a literatura infantil pode ser uma forte aliada no desenvolvimento da criatividade e imaginação das crianças na educação infantil, tendo em vista a importância de estimular desde cedo os pequenos a serem imaginativos e criativos. Tais habilidades poderão ajudar no percurso escolar e na vida cotidiana. A identificação, a prática

¹ Graduada em Pedagogia e Pós-graduanda em Literaturas Infantil, Juvenil e Brasileira | UNIFAFIRE | E-mail: mylenakarllasantos@pos.fafire.br

² Mestre em Educação | UFPE | Especialista em Educação Infantil | UNIFAFIRE | e orientadora da pesquisa | E-mail: rytas@prof.fafire.br

pedagógica, a possibilidade de ensinar valores e a capacidade de inserir o sujeito no mundo presentes na literatura contribuem de forma decisiva para a escolha da temática.

A literatura infantil é, como ferramenta pedagógica, muito presente nos planos de aula e conseqüentemente, nas salas de aula da educação infantil. Não há o que questionar sobre a disposição dos livros infantis e a utilização deles como mais um recurso pedagógico para ensinar os alunos, no entanto, a pergunta norteadora é: qual a finalidade principal de contar as histórias? Apenas transmitir conhecimento ou também oportunizar aos alunos através da leitura a possibilidade de criar e imaginar a fim de serem ativos na aprendizagem?

Sendo assim, o artigo teve como objetivo relacionar a literatura infantil com o desenvolvimento da criatividade e da imaginação, assim como entender e discutir as aplicações dela na educação infantil, tendo em vista como são planejadas e desenvolvidas as práticas de leitura na escola e como os professores selecionam o gênero literário.

Posto isso, a pesquisa é de cunho bibliográfico pois teve como foco pesquisar e analisar, a partir de bases teóricas, sobre a problemática surgida e tem como fundamentação teórica Nelly Novaes Coelho (2000), Lev Semenovitch Vygotsky (2012) e Regina Zilberman (1998).

Dessa forma, organizamos o trabalho em quatro partes. Na primeira, apresentamos a história, algumas definições e a funcionalidade da literatura infantil. Na segunda, trouxemos a contribuição que ela exerce quanto ao desenvolvimento da criatividade e imaginação. Na terceira, discutimos a utilidade dessa literatura no ambiente escolar, para, então, na última parte, trazermos nossas considerações finais acerca da temática proposta.

Literatura infantil: história, definição e funcionalidade

A literatura infantil exerce um papel crucial na formação e desenvolvimento da criança, isso porque é através da literatura que a criança aguça sua capacidade de ler o mundo, lidar com suas emoções, tornando-se desde cedo um sujeito mais crítico. No entanto, antes de compreender o que é a literatura infantil, suas especificidades e o que a faz relevante para seu público é necessário em primeiro lugar entender o início da trajetória da história voltada para a criança.

As concepções de infância surgem a partir do fim do século XVII e durante o século XVIII quando se passa a ter um olhar diferenciado voltado para as crianças. Os primeiros livros

DOI: 10.24024/23585188v15n1a2022p021032

infantis surgem nessa época, quando se compreende a necessidade de atender às necessidades desse público singular. Segundo Regina Zilberman (1998),

[...] a concepção de uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e necessitando de uma formação específica, só acontece em meio à Idade Moderna. Esta mudança se deveu a outro acontecimento da época: a emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular, preocupado em manter sua privacidade (impedindo a intervenção dos parentes em seus negócios internos) e estimular o afeto entre seus membros. (p.13)

Nessa perspectiva, de transformações sociais, destacamos que a literatura infantil tem origem na Europa quando a criança é vista socialmente como diferente do adulto e que, portanto, merecia uma atenção diferenciada. De acordo com Meireles (2016) os antigos contos, fábulas e a literatura popular começaram a ser registrados na Europa por volta do século XVII, por Perrault, Grimm, Andersen, os pioneiros da Literatura Infantil.

A partir desse momento, a literatura infantil vem ganhando cada vez mais espaço, desde sua origem, no âmbito educacional, pois ela é vista como uma rica ferramenta pedagógica para auxiliar ações didáticas que envolvem a leitura, os professores e os alunos. Dessa forma, compreender teoricamente sua origem, concepções e funções é de grande valia para contribuição de uma prática pedagógica mais significativa, ativa e humanizadora.

Para discorrer sobre o tema, é necessário antes de tudo entender sua definição. A literatura infantil, como seu adjetivo já determina, é uma literatura que tem como seu público-alvo a criança. Sendo escrito por adultos, esse gênero literário tem como pretensão ser um texto escrito para a criança e para ser lido por ela. De modo histórico, esse gênero sempre esteve situado em dois sistemas: no literário e no educacional (Cadermatori, 1986). No literário, assume seu caráter artístico que provoca prazer e autoconhecimento. No educacional, seu caráter informativo que pretende transmitir ensinamentos e padrões a serem seguidos.

No entanto, no seu sistema originário: o literário, a natureza da literatura infantil segundo Coelho (2000, p. 27) “é, antes de tudo, literatura, ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra”. Dessa forma, a literatura infantil não tem apenas uma definição, mas múltiplas definições que revelam toda linguagem, todas as experiências humanas que não podem ser definidas com exatidão.

Apesar do nosso esforço em trazer para debate o conceito, a importância e a gigantesca possibilidade que a literatura infantil proporciona para seus leitores, é preciso destacar que por receber o adjetivo “infantil” ela ainda ocupa um lugar muito mais educacional do que artístico.

DOI: 10.24024/23585188v15n1a2022p021032

Isso porque a crença, ainda muito arraigada, de que se trata de um instrumento que proporciona ensinamentos morais e de caráter didatizante é muito considerada. O olhar de utilizá-la para conduzir as crianças a terem determinados comportamentos ditos corretos e de possuírem virtudes que se sonha para o ideal de infância ainda está bastante presente, como também, espera-se que a criança lendo aprenda a escrever corretamente, garantindo melhor desempenho na leitura e maior aprendizado (Frantz, 2011).

Como mencionado anteriormente, esse gênero assume dois sistemas, e, portanto, pode circular de maneira muito eficaz entre eles. Mas como arte, possui a capacidade de divertir, pensar, questionar e promover autoconhecimento.

Teresa Colomer (2017) defende que a literatura para crianças e jovens deve ser vista como literatura, uma vez que são oferecidas primeiro como experiência artística. Ela afirma que são três as principais funções dessa literatura:

Iniciar o acesso ao imaginário compartilhado por uma determinada sociedade;
Desenvolver o domínio da linguagem através das formas narrativas, poéticas e dramáticas do discurso literário;
Oferecer uma representação articulada do mundo que sirva como instrumento de socialização das novas gerações. (Colomer, 2017, p. 20).

Sendo assim, a literatura, por meio do acesso ao imaginário, inicia a criança no caminho do saber social, que a permite compreender as questões da vida, do outro e de se encontrar como sujeito nesse processo, “permite estabelecer uma visão distinta sobre o mundo, pôr-se no lugar do outro e ser capaz de adotar uma visão contrária” (Colomer, 2017, p. 21).

Com a clareza da necessidade de se repensar a educação através dos debates e estudos, entendemos que atualmente é impossível pensar no processo educativo de forma tradicional. Uma nova concepção de educação ganhou espaço e a formação humana é foco principal no processo de aprendizagem. Por isso, se busca através do ensino escolar, formar sujeitos conscientes, emancipados, questionadores e criativos.

É preciso que a literatura infantil, sua função e utilidade, seja repensada e, portanto, reformulada dentro do espaço escolar. Que ela seja usada como uma bússola para o descobrimento do sujeito, da vida e dos conhecimentos dispostos a ele, que a literatura disponha condições em que o permita refletir, criar e participar de maneira ativa na sua formação.

Tzvetan Todorov (2009) sabiamente, já dizia que “a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo”, ela “abre ao infinito essa

DOI: 10.24024/23585188v15n1a2022p021032

possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente” (Todorov, 2009, p. 23-24), ela dispõe da habilidade de oferecer ao leitor a possibilidade de compreender o mundo, os outros e a si mesmo.

Percebemos então, que a literatura é fruto do conhecimento humano e que, por isso, desperta prazer, autoconhecimento e inúmeras reflexões e pode ser somada na educação das crianças como objeto dinâmico que proporciona aprendizado.

Criatividade e imaginação: a literatura infantil como exímio colaborador

Bazílio e Kramer (2003) explicam que a infância sofre imensos desafios para permanecer em sua essência ao negar muitas vezes ao infante o direito de ser criança e que dessa maneira há a necessidade de resgatar o conceito de infância e possibilitar às crianças que se expressem e construam sua cidadania. Dessa maneira, eles afirmam:

defendo uma concepção de criança que reconhece o que é específico da infância – seu poder de imaginação, fantasia, criação – e entende as crianças como cidadãs, pessoas que produzem cultura e são nela produzidas, que possuem um olhar crítico que vira pelo avesso a ordem das coisas, subvertendo essa ordem. (Bazílio; Kramer. 2003, p.91)

Nesse sentido, quando se pretende falar da infância se pensa em um universo lúdico e criativo, pois a presença da imaginação e de tudo que se relaciona com o criativo está sempre em correlação com o mundo infantil. Desde os primeiros anos de vida, os processos criativos emergem na criança e são expressos por suas atividades lúdicas, de arte, desenhos e narrativas. Assim também em seu caráter reprodutor, como afirma Silva (2012, p 23.) “contudo, apesar do caráter reprodutor, ao mesmo tempo que os pequenos imitam a realidade, criam ao imitar.”

Essa construção do imaginário surge, portanto, a partir do que elas ouvem e veem, e isso lhes permite criar seu próprio cenário de fantasia. Quando as crianças escutam as histórias, seu imaginário é suscitado, pois a curiosidade de responder a tantas perguntas e as ideias para resolver os conflitos geram a possibilidade de criar e imaginar o que pode ser feito, fator crucial na sua formação e desenvolvimento cognitivo, como dispõe Abramovich (1997):

ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo... (p.16)

Visando a literatura como meio para conduzir as crianças à imaginação e criatividade, é relevante ressaltar que os elementos presentes nas histórias como variação da voz, dos gestos e a entonação das palavras tornam a prática de ouvir histórias uma atividade significativa para as crianças. É a partir disto que elas constroem imagens, compartilham do sentimento que os contos lhes proporcionam, desenvolvem sua oralidade e escrita, assim como a atenção em perceber detalhes no enredo, aproximando-as das leituras de tempos e entonação. Esses elementos melhoram ainda mais a percepção visual e auditiva das crianças, fatores importantes para sua formação. Nessa perspectiva, considera-se que o propósito de inserir as crianças no universo de contações de histórias deve ser visto como primordial quando se pretende garantir um bom desenvolvimento da criança.

Assim, para abordarmos a relação da literatura infantil com a criatividade e imaginação precisamos sobretudo, definir esses dois conceitos que embora sejam distintos, estão sempre interligados. Os conceitos adotados neste estudo se vinculam à Vygotsky que, em síntese, afirmava que a imaginação é o processo mental e a criatividade é o resultado do pensamento, ou seja, é o que foi criado. De acordo com Vigotsky (*apud* Assunção, 2018, p. 3), “à atividade criadora baseada nas capacidades combinatórias do nosso cérebro a psicologia chama de imaginação ou fantasia”. Considerando isto, a inserção dos livros infantis no cotidiano da criança pode ser uma forte aliada nesse processo e é essencial para seu desenvolvimento através do educar, do instruir e do estimular sua imaginação, pois os livros permitem que a criança aprenda, imagine, descubra, crie e explore o mundo a sua volta.

Assim, tanto a criatividade como a imaginação infantil devem ser educadas. Os infantes devem ser estimulados a ouvir e pensar de maneira que suas capacidades imaginativas sejam provocadas. A imersão nos contos de Alice no País das Maravilhas, Peter Pan, Chapeuzinho Vermelho e tantos outros, por exemplo, podem oferecer isso aos pequenos, uma vez que os oportuniza a sentir emoções e a interpretar as situações vividas nas histórias do seu modo, pois como muito bem retrata Girardello (2011, p. 76) “a imaginação é para a criança um espaço de liberdade e de decolagem em direção ao possível, quer realizável ou não”.

Por este prisma, é imprescindível frisar que é preciso refletir sobre uma particularidade fundamental da infância: a liberdade. É preciso pensar sobre como as crianças devem ser livres para brincar e manipular o que quiserem ao seu redor do seu jeito, não sendo impedidas e orientadas por um adulto, antes devem falar, brincar e reproduzir como criança, sujeito que está

em formação e, portanto, a seu modo. Só assim, poderá utilizar de seu saber imaginário e expressar sua criatividade.

Ainda partindo dessa perspectiva, retornando ao debate da literatura, as atividades que envolvem leitura para o público infantil devem priorizar as necessidades de sua faixa etária, ou seja, tudo que diz respeito à ludicidade, expressão, arte, brincar, explorar, movimento e tantas outras palavras que caracterizam a infância. Logo, os livros dispostos devem ter esse olhar e oportunizar esses sujeitos a desenvolverem suas habilidades respeitando a fase em que estão inseridos. Entendendo isso, Colomer (2017) ao citar o caráter dos livros infantis que expõe a realidade do mundo que as crianças já conhecem, afirma que além disso, as crianças “necessitam também de uma literatura que amplie sua imaginação e suas habilidades perceptivas, além de seus limites atuais.” (Colomer, 2007, p. 57). É justamente esse aspecto que devemos levar em consideração, utilizar da literatura para fins de conduzir um trabalho mais assíduo no que se refere ao estímulo da criatividade e imaginação, visto que encontramos nela um objeto colaborador.

A imersão na literatura contribui para que o leitor tenha acesso a diferentes mundos, culturas e linguagens, transformando-o em um viajante que irá passar por diferentes situações e a partir de suas percepções, possibilita-o vivenciar diferentes emoções e possibilidades, fazendo com que a imaginação seja explorada. Por isso, quanto mais a criança interage com os livros, mais criativa, participativa e crítica ela será, além de ter seu conhecimento de mundo ampliado.

Dohme (2010) declara que a imaginação é uma atividade em que a criança tem a necessidade de executar, logo, exercitá-la traz a sensação de efeito e prazer e por isso precisa ser aproveitada. Nesse sentido, a autora afirma que “as fantasias não são somente um passatempo; elas ajudam na formação da personalidade na medida em que possibilitam fazer conjecturas, combinações, visualizações como tal coisa seria “desta” ou “de outra forma”. [...]” (Dohme, 2010, p. 18). Dito isto, percebemos que ao explorar esses aspectos internos, a literatura favorece o infante na sua construção identitária, ao conduzi-lo a se ver nos personagens, aflorando sua capacidade de atuar nas situações que irá vivenciar no dia a dia.

Outro ponto importante a ser destacado é que a prática de ler para as crianças contribui para um melhor desempenho no que se refere aos processos cognitivos, pois através da escuta das histórias, assim como a visualização das ilustrações contidas nos livros, faz com que seja aguçada, primeiro a percepção visual e auditiva, visto que elas são estimuladas a se concentrar

no que estão observando e ouvindo; segundo, a memória, tendo em vista que é necessário que elas se recordem da história que foi contada. Assim também, o pensamento, a atenção, o raciocínio, a linguagem são estimulados, uma vez que as crianças envolvidas nas histórias são levadas a pensar como agiriam nas situações expostas nas histórias, como coloca Busatto (2011, p. 32) “o imaginário, por sua vez, abre o caminho para a linguagem e para o conhecimento”.

Assim sendo, a colaboração literária é uma porta de entrada para o agir ativamente no mundo, pois é a partir das interações, interpretações e percepções feitas pelo leitor que se dá o conhecimento e conseqüentemente, a prática na vida. Aflorar a imaginação e dar a acesso a oportunidade de criar as crianças é conceder a elas a capacidade de atuar como seres sociais criativos, críticos e autônomos.

A literatura infantil artística e a escola: Será possível essa relação?

Sempre que pensamos nas palavras livro, leitura e linguagem, automaticamente, e na maioria das vezes, associamos à educação escolar. Atribuiu-se à escola o ambiente responsável por ensinar e incentivar os alunos nas práticas de leitura, visto que cabe a ela a função de oferecer ferramentas para o desenvolvimento cognitivo, motor e emocional, além do papel que exerce na formação de cidadãos críticos. É verdade que a literatura é um caminho eficaz para atingir esse objetivo e por isso, a escola necessita de um olhar atento e crítico para sua funcionalidade em sala de aula.

No que diz respeito à educação infantil, não é por acaso que o livro de histórias infantis está sempre presente como um dos objetos pedagógicos no trabalho desenvolvido nesta etapa da educação, visto que nessa fase tudo que é lúdico é fundamental para a formação e desenvolvimento das crianças.

A fantasia, o imaginário, as brincadeiras e o que provém do lúdico faz parte da prática pedagógica na educação infantil, tudo isso com a finalidade de levar a criança a explorar o mundo e tudo ao seu redor. Tratando-se disso, uma das maneiras pelo qual a criança explora o mundo e aflora sua imaginação de um jeito divertido e prazeroso é através do livro de histórias infantis. Ele é fundamental nesse processo pois, ao manipular, sentir, folhear, ouvir e observar os livros, suas cores e seus desenhos, seu imaginário e seus conhecimentos são ampliados. É nesse sentido que Abramovich (1997, p. 22) diz que “é de fundamental importância que o professor de pré-escola conte histórias para seus alunos”.

Sabe-se que desde o início de sua história até os dias de hoje, a escola atribui à literatura infantil um lugar de objeto didático, pedagogizado, ou seja, que pretende ser usado para ensinar determinados comportamentos ou ensinamentos que sejam considerados ideais, se distanciando da essência que a literatura infantil propõe: o de ser arte, com a capacidade de gerar criatividade e promover reflexões. Por mais que a literatura infantil seja voltada para crianças, isso não faz com que a mesma deva ser vista como menor ou inferior, como afirma Filho (2012, p. 3), “entenda-se que o adjetivo ‘infantil’ não é utilizado para fazer referência a uma literatura menor... apenas indica o público virtual”, e por esse motivo deve ser escolhida e utilizada com a finalidade de ser o que ela deseja ser.

Utilizar a literatura artística em sala de aula parece estar muito distante da prática pedagógica dos professores na educação infantil, visto que na maioria das vezes o momento de contar histórias é sempre escolhido para acalmar os alunos ou para entretê-los quando estão agitados, tudo isso com o objetivo de manter a ordem em sala. Isso se deve, na maioria das vezes, ao fato de que os professores não dão a devida importância à contação de histórias, até por não possuírem ainda a mentalidade de que as histórias infantis trazem consigo a capacidade de contribuir efetivamente para o desenvolvimento cognitivo e emocional, a partir do elo entre o real e o imaginário.

A autora Cunha (1991), ao discutir sobre algumas opiniões, que ela denomina de “posições”, em torno da literatura infantil, nos chama atenção para refletir sobre algumas problemáticas que envolvem seu uso. Uma delas é como essa literatura se relaciona com seu público-alvo, questionando se há uma traição a esse gênero literário quando não oportuniza a criança a se posicionar enquanto leitora ativa. E deste modo, propõe que algumas obras infantis podem ser usadas, sem seu caráter pedagógico, quando o mediador não encaminha o leitor a uma única interpretação, mas o possibilita a refletir sobre diversos pontos. Ela nos explica:

a literatura infantil enquanto manifestação artística não é traição: apesar de ser sempre o adulto a falar à criança, se ele for realmente artista, seu discurso abrirá horizontes, proporá reflexão e recriação, estabelecerá a divergência, e não a convergência. E suas verdadeiras possibilidades educativas estão aí.

Traição, sim, pode ocorrer no plano do educador, quando este escolhe impingir à criança o livro de intenções pedagógicas, e não o literário.
(Cunha, 1991, p. 27).

De acordo com a autora já citada, não se pode falar em traição ao leitor infantil quando se oferece a ele a oportunidade de estabelecer interpretações e relações, livremente, enquanto imerge no mundo da arte literária de maneira prazerosa e ativa.

Pessoalmente, acreditamos no potencial que o caráter pedagógico da literatura exerce sobre a criança, não há o que questionar sobre sua eficácia quando se pretende por meios das histórias ensinar aos leitores sobre temáticas relacionadas à morte, família, medo, raiva e racismo, por exemplo. No entanto, nossa preocupação é a prática de reduzir o instrumento da literatura infantil a um único meio, uma única finalidade. Ao contrário disso, o educador pode refletir sobre circular entre os dois sistemas, de maneira em que ele transmitirá conhecimentos a partir das temáticas com a finalidade de ensinar as crianças ao mesmo tempo em que as possibilita a participar, sentir e imaginar livremente sobre as histórias contadas.

Quando o professor realiza atividades que envolvem leitura é preciso que ele priorize, no ato da atividade, o aspecto lúdico, prazeroso e divertido que a arte literária infantil proporciona. É necessário que ele crie um ambiente favorável que oportunize aos alunos pensarem, expressarem e sentirem as diversas manifestações e interpretações que terão de uma mesma história. Além disso, que ele invista em livros sem ilustrações, em momentos em que os alunos dirão como se sentiram em determinadas situações vivenciadas pelos personagens, favorecendo assim, o desenvolvimento da criança.

Amarilha (2004) ao falar sobre a autonomia da criança enquanto leitora, diz que o professor tem um papel pedagógico fundamental no sentido de ser o mediador e de organizar os livros adequados para a faixa etária dos pequenos. Pensando nisso, é interessante que o educador tenha a intenção de motivar as crianças pelo gosto da leitura, oferecendo diversos acervos e incentivando-as a serem autônomas.

É preciso que a escola rompa com a barreira do uso tradicional da arte literária e aprofunde sua prática pedagógica utilizando as diversas possibilidades que os livros dão para quem os manuseia. E que os professores de educação infantil aperfeiçoem seus planos de aula explorando os livros de histórias infantis como fontes de muito trabalho para a formação, aprendizagem e desenvolvimento integral das crianças.

Considerações finais

Como arte, a literatura infantil é fator contribuinte para o desenvolvimento da criatividade e imaginação infantil. Ao utilizá-la é preciso que se tenha um olhar mais amplo que possibilite uma atitude criadora, ativa e autônoma do leitor.

A presença constante dos livros infantis, sendo trabalhados de diversas formas em sala de aula, corrobora para uma formação intelectual, emocional e humanizadora, ao trabalhar o aspecto real e o imaginário, pois a medida em que as crianças escutam, pensam, imaginam e sentem as realidades contadas descritas nas histórias suas atitudes são suscitadas.

Contudo, apesar de ser um instrumento bastante usado, a escola tem dificuldade em ampliar seu uso, o que torna a abordagem em sala de aula um assunto emergente pois não se pode abandonar as possibilidades de enriquecimento escolar e humano que a literatura traz, visto que proporciona prazer, autoconhecimento e liberdade aos estudantes.

Por fim, diante de tudo o que foi exposto até aqui, desejamos por meio deste artigo auxiliar professores no exercício da sua prática pedagógica no uso da literatura. Acreditamos ter contribuído para um olhar mais crítico por parte dos docentes acerca da importância que os livros podem assumir em sala de aula para que, por meio deles, possamos garantir um melhor proveito e resultado na formação integral das crianças na educação infantil.

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Editora Scipione, 1997.

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas? Literatura infantil e prática pedagógica**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

ASSUNÇÃO, Hélia Carina Guerreiro. **Imaginação e criatividade em Jardim de Infância – o livro como fonte do imaginário**. 2018. Tese (Mestre em Educação Pré-escolar) – Universidade do Algarve, Faro, 2018.

BAZÍLIO, Luiz Cavalieri; KRAMER, Sônia. **Infância, educação e direitos humanos**. Perdizes, SP: Cortez Editora, 2003.

DOI: 10.24024/23585188v15n1a2022p021032

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. São Paulo: Global Editora, 2007.

COLOMER, Teresa. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. São Paulo: Global Editora, 2017.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil**: teoria e prática. 12. ed. São Paulo: Editora Ática, 1991.

DOHME, Vania. **Técnicas de contar histórias**: um guia para desenvolver as suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

GIRARDELLO, Gilka. Imaginação: arte e ciência na infância. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 22, n. 2, p. 75–92, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643263>. Acesso em: 24 abr. 2022.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura infantil**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

FRANTZ, Maria Helena Zancan. **A literatura nas séries iniciais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil**. 4. ed. São Paulo: Global, 2016.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. São Paulo: Global, 1998.